

## Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

# VERSÃO 1

---

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### A

Leia o poema.

Ah, que maçada o piano  
Eternamente a tocar  
Lá em cima, no outro andar!

Ah, que tristeza o cessar!  
5 Sempre era gente a tocar!  
Sempre tinha companhia  
Nessa constante arrelia.

Vizinha, se não morreu,  
Que aquele piano seu  
10 Volte de novo a maçar!  
Sem ele penso e sou eu,  
Com ele esqueço a sonhar...

Má música? Sim, mas há  
Até na música má  
15 Um sentimento de alguém.  
Não sei quem o sente ou dá,  
Não sei quem o dá ou tem.

Não deixe de me maçar  
Com o contínuo tocar  
20 Do seu piano frequente.  
Ah, torne-me a arreliar  
E mace-me eternamente!

A quem é só, tudo é mais  
Que o que está naquilo que é.  
25 Notas falsas, desiguais —  
Não se importe: a minha fé,  
Meu sonho, vão a reboque  
Do que toca mal e até  
Do piano, do não sei quê...  
30 Toque mal; mas toque, toque!

Fernando Pessoa, *Poesia do Eu*, edição de Richard Zenith, 2.<sup>a</sup> ed.,  
Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, pp. 313-314

1. Explique o modo como o sujeito poético percebe o som do piano, de acordo com o conteúdo das duas primeiras estrofes.
2. Explique o sentido dos versos «Sem ele penso e sou eu, / Com ele esqueço a sonhar...» (vv. 11-12).
3. Refira três das marcas linguísticas que, a partir da terceira estrofe, sugerem a existência de um diálogo e transcreva um exemplo de cada uma dessas marcas.

**B**

Leia o texto. Se necessário, consulte a nota.

**MADALENA**

Mas para onde iremos nós, de repente, a estas horas?

**MANUEL**

Para a única parte para onde podemos ir: a casa não é minha... mas é tua, Madalena.

5

**MADALENA**

Qual?... a que foi?... a que pega com S. Paulo?... Jesus me valha!

**JORGE**

10 E fazem muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quase tudo de trastes e paramentos necessários: pouco tereis que levar convosco. — E então para mim, para os nossos padres todos, que alegria! Ficamos quase debaixo dos mesmos telhados. — Sabeis que tendes ali tribuna para a capela da Senhora da Piedade, que é a mais devota e mais bela de toda a igreja... Ficamos como vivendo juntos.

**MARIA**

Tomara-me eu já lá! (*Levanta-se pulando.*)

15

**MANUEL**

E são horas, vamos a isto (*levantando-se*).

**MADALENA**

(*vindo para ele*)

Ouve, escuta, que tenho que te dizer; por quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

20

**MANUEL**

Qual, senhora, e que lhe hei de eu fazer? Lembrai vós, vede se achais.

**MADALENA**

Aquela casa... eu não tenho ânimo... Olhai: eu preciso falar a sós convosco. — Frei Jorge, ide com Maria aí para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

25

**MARIA**

Tio, venha, quero ver se me acomodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papéis, que eu também tenho papéis: deixai que lá na outra casa vos hei de mostrar... Mas segredo!

**JORGE**

Tontinha!

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, edição de Maria João Brilhante, Lisboa, Comunicação, 1982, pp. 121-123

**NOTA**

*trastes e paramentos* (linhas 8 e 9) – mobílias e objetos decorativos.

4. Madalena e Maria reagem de maneira diferente à decisão anunciada por Manuel.

Compare as reações das duas personagens femininas e explique o modo como essas reações se manifestam, tanto nas suas falas como no seu comportamento.

5. Jorge desempenha diferentes funções em *Frei Luís de Sousa*.

Explicita duas funções assumidas por esta personagem no excerto transcrito.

## GRUPO II

Leia o texto.

Talvez precisemos de voltar a essa arte tão humana que é a lentidão. Os nossos estilos de vida parecem irremediavelmente contaminados por uma pressão que não dominamos; não há tempo a perder; queremos alcançar as metas o mais rapidamente que formos capazes; os processos desgastam-nos, as perguntas atrasam-nos, os sentimentos são um puro desperdício: dizem-nos que temos de valorizar resultados, apenas resultados. À conta disso, os ritmos de atividade tornam-se impiedosamente inaturais.

Cada projeto que nos propõem é sempre mais absorvente e tem a ambição de sobrepor-se a tudo. Os horários avançam impondo um recuo da esfera privada. E mesmo estando aí é necessário permanecer contactável e disponível a qualquer momento. Passamos a viver num *open space*, sem paredes nem margens, sem dias diferentes dos outros, sem rituais reconfiguradores, num contínuo obsidiante, controlado ao minuto. [...] Deveríamos, contudo, refletir sobre o que perdemos, sobre o que vai ficando para trás, submerso ou em surdina, sobre o que deixamos de saber quando permitimos que a aceleração nos condicione deste modo. Com razão, num magnífico texto intitulado «A lentidão», Milan Kundera escreve: «Quando as coisas acontecem depressa demais, ninguém pode ter certeza de nada, de coisa nenhuma, nem de si mesmo.» E explica, em seguida, que o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, enquanto o grau de velocidade é diretamente proporcional à do esquecimento. Quer dizer: até a impressão de domínio das várias frentes, até esta empolgante sensação de onipotência que a pressa nos dá é fictícia. A pressa condena-nos ao esquecimento.

Passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informação que nunca chegamos a aprofundar. Tudo transita num galope ruidoso, veemente e efémero. Na verdade, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver.

Uma alternativa será resgatar a nossa relação com o tempo. Por tentativas, por pequenos passos. Ora isso não acontece sem um abrandamento interno. Precisamente porque a pressão de decidir é enorme, necessitamos de uma lentidão que nos proteja das precipitações mecânicas, dos gestos cegamente compulsivos, das palavras repetidas e banais. Precisamente porque nos temos de desdobrar e multiplicar, necessitamos de reaprender o aqui e o agora da presença, de reaprender o inteiro, o intacto, o concentrado, o atento e o uno. [...]

Mesmo se a lentidão perdeu o estatuto nas nossas sociedades modernas e ocidentais, ela continua a ser um antídoto contra a rasura normalizadora. A lentidão ensaia uma fuga ao quadriculado; ousa transcender o meramente funcional e utilitário; escolhe mais vezes conviver com a vida silenciosa; anota os pequenos tráficos de sentido, as trocas de sabor e as suas fascinantes minúcias, o manuseamento diversificado e tão íntimo que pode ter luz.

José Tolentino Mendonça, *Que Coisa São as Nuvens*, Paço de Arcos, Expresso|Impresa Publishing, 2015, pp. 27-28 (adaptado)

1. De acordo com o conteúdo do primeiro parágrafo, a valorização dos resultados
  - (A) compromete o ritmo natural do ser humano.
  - (B) decorre, de forma indireta, da arte da lentidão.
  - (C) aligeira a pressão exercida sobre o ser humano.
  - (D) resulta da inevitável lentidão dos processos.
  
2. O cronista recorre à citação de Milan Kundera para
  - (A) ilustrar a tese com um caso concreto.
  - (B) apresentar um novo ponto de vista.
  - (C) introduzir um contra-argumento.
  - (D) reforçar o ponto de vista defendido.
  
3. No terceiro parágrafo, o autor enfatiza
  - (A) o empenho humano na concretização das tarefas que executa.
  - (B) a superficialidade das vivências humanas na atualidade.
  - (C) a diversidade de projetos que cada um leva a cabo.
  - (D) o domínio incontestável do homem sobre o tempo.
  
4. Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a lentidão
  - (A) combate a mecanização da vida humana.
  - (B) torna mais difícil a consciência de si mesmo.
  - (C) propicia uma sensação de onipotência.
  - (D) valoriza tudo o que é funcional e utilitário.
  
5. As orações introduzidas por «que» nas linhas 5 e 7 são
  - (A) subordinada substantiva completiva, no primeiro caso, e subordinada adjetiva relativa, no segundo caso.
  - (B) subordinada adjetiva relativa, no primeiro caso, e subordinada substantiva completiva, no segundo caso.
  - (C) subordinadas adjetivas relativas, em ambos os casos.
  - (D) subordinadas substantivas completivas, em ambos os casos.

6. A forma verbal «Deveríamos» (linha 11) exprime uma
- (A) probabilidade.
  - (B) dúvida.
  - (C) permissão.
  - (D) necessidade.
7. A conjunção «enquanto» (linha 17) introduz uma ideia de
- (A) tempo.
  - (B) adição.
  - (C) condição.
  - (D) contraste.
8. Identifique a palavra que retoma a expressão «esfera privada» (linha 8).
9. Indique a função sintática desempenhada pela expressão «ao esquecimento» (linha 20).
10. Classifique a oração iniciada por «que» (linha 34).

### GRUPO III

Desde sempre, a música tem feito parte da vida do ser humano.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre o papel que a música assume na vida dos jovens, na atualidade.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

## COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	
	50 pontos	50
TOTAL		200